

Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 31 | 2013 A Retomada na Filosofia de Eric Weil

Filosofia e História em Weil

Philosophie et histoire chez Weil

Marly Carvalho Soares



Edição electrónica

URL: http://journals.openedition.org/cultura/1820 DOI: 10.4000/cultura.1820 ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publição: 1 Dezembro 2013 Paginação: 137-151 ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Marly Carvalho Soares, « Filosofia e História em Weil », *Cultura* [Online], Vol. 31 | 2013, posto online no dia 04 dezembro 2014, consultado a 19 abril 2019. URL: http://journals.openedition.org/cultura/1820; DOI: 10.4000/cultura.1820

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

 $\ \ \ \$ $\ \ \ \$ CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Filosofia e História em Weil

Philosophie et histoire chez Weil

Marly Carvalho Soares

Introdução

- Se nos detivermos atentamente na leitura do pensar filosófico de Weil perceberemos que a identidade da Filosofia e da História (Weil, 1970, p.199) é o núcleo de todo o seu sistema. De modo que partindo desta visão, o nosso esforço será explicitar os pressupostos indicativos para essa afirmação. Em primeiro lugar o interesse pela História (Weil, 1970, p. 207) evidenciado tanto na sua vida, enquanto homem do tempo, a par de todo contexto histórico filosófico da sua época e na sua compreensão filosófica que provocou uma mudança de tomada de consciência dos problemas relativos à política e à sociedade. Em segundo lugar a sua preocupação em dizer o que é a filosofia e para quê a filosofia, (Weil, 1982, p.7). Em terceiro lugar, alargando a compreensão, explicitar o sentido e o uso do conceito de retomada como fenômeno histórico e lógico que permite a aplicação da Lógica à realidade histórica e que permite também efetivar e justificar a unidade da Filosofia e da História.
- A esse propósito, a nossa interpretação terá como trajetória analisar esses ensaios juvenis inaugurais do pensamento de Weil, mais tarde retomados na parte introdutória da *Lógica da Filosofia*, (Weil, 1950) com o objetivo de perscrutar quais eram as suas intenções naquele momento histórico e trazê-las para o momento presente, mostrando assim que a identidade da história e da filosofia têm como origem e fim a questão do homem: o seu ser e a sua situação e que o interesse do homem pela história nasce da reflexão sobre si mesmo e se revela na ação.

1. O interesse pela História

- A ligação de Weil com a História¹ é evidenciada na sua vida enquanto homem do tempo a par de todo contexto histórico filosófico da sua época e na sua compreensão filosófica quando faz da História a mestra da vida e comprova no seu sistema o uso dos termos "técnicos" como a "atitude" e o conceito de retomada como fenômeno histórico que tece toda a estrutura da *Lógica da Filosofia*. Poder-se-ia acrescentar ainda que seus primeiros ensaios filosóficos inaugurais têm como base a problemática da História e perdura na elaboração de todo o seu sistema filosófico.
- 4 Esse universo filosófico inicial a respeito da Filosofia da História pode ser traçado em duas direções, com sua problemática e seus argumentos: a primeira seria a respeito da História da Filosofia que tem como intenção saber o que leva o homem a ocupar -se de seu passado, se o passado tem sentido, se faz parte de um interesse sistemático; a segunda seria a dos historiadores a que é pressuposta pelos filósofos perscruta "se o interesse histórico é constitutivo do homem ou não" (Weil, 1970, p. 208); que homem é, e em qual história que nos interessa? Nota-se que o termo interesse é comum em ambas às indagações, porém o interesse antecede aos fatos. O interesse pelo fato revela o interesse pelo que é pela realidade. Mas qual realidade? A que nos interessa, "essa realidade que nós não temos que construir, mas analisar, captar e não criar" (Weil, 1970, p. 93).
- O chão histórico que interessa a Weil é a história pura e simples enquanto trata do passado, que é ainda captável no presente. Um presente que passou, que não é mais, porém, o que nos interessa nele é a nossa origem, a nossa própria imagem. Essa constatação não pretende ser um dado verificável. O historiador, os escolhe, os encontra por um ato de decisão. E aquilo que se decidiu encontrar e buscar é em última análise a busca de si mesmo (Weil, 1970, p. 210).
- A História então é esse campo de múltiplas e diversas decisões, e, por conseguinte é uma realidade humana e diz respeito a tudo que é humano. O homem escolhe livremente, por que pode dizer também não a um número infinito de possibilidades, desde que esteja disposto a pagar pela decisão. O homem pode escolher a vida ou a morte e esta última ainda como possibilidade de escolha. A liberdade está sempre ligada à possibilidade de escolha, à capacidade de dizer "não" a uma situação, o que implica que a decisão não se dá nunca no vazio, mas sempre em situação. "Desse modo a história torna-se desejo de conhecer as situações e as decisões possíveis" (Weil, 1970, p. 213). Porém, o desejo de conhecer não se efetiva no sentimento, na revolta contra tal situação, mas no conhecimento da causa da situação, conhecimento este, que é sempre também uma interpretação. Eu sou, compreendo a situação dada em relação à outra interpretação.² A linguagem entre a minha situação e a história é a mesma. Há uma possibilidade de compreensão entre a minha situação através da história e vice-versa. (Weil, 1970, p.217).
- 7 Existem, portanto, dois sistemas de orientação para o homem: a história e a situação presente. A história continua sendo o chão e a linguagem que nos precede. Tudo que torna compreensível o presente ilumina o tempo do passado. Eu sou, posso entrar na história pelo presente e a decisão mesma se constitui, constituindo a história. A decisão não precede a história. Mas é a história que orienta a mudança do homem e do mundo.
- 8 O homem descobre assim a unidade de dois momentos: o seu ser e a situação. O problema agora é como o homem se constitui para si mesmo, uma vez que ele só fala de sua situação

e ele é o que são as suas possibilidades. Que coisa sou eu? Desperto para uma nova realidade: vivo numa situação que não escolhi e, consequentemente recebo tudo dos outros. Entretanto, ele não poderá falar de suas condições, de sua vida senão em confronto com outras formas de vida, de situações e linguagens: "Só a vida do outro, interrogada, sobre a sua forma e o seu sentido, me permite buscar um sentido, uma forma, uma unidade para a minha vida" (Weil, 1970, pp. 220-221). Todo esse referencial me conscientiza que é à história que devo dirigir-me para saber como o homem se constitui para si mesmo. A história é, portanto a constituição do homem para si mesmo, ela é a história do interesse que o homem toma pela vida.

A questão do homem é de fato a suma de todas as questões. É na vida que o interesse se desenvolve numa situação vivida, defronte a uma decisão. Não se trata de aprender as coisas, mas de decidir-se e se o homem se decide por meio da reflexão: o homem é, portanto um ser razoável, que pode discutir com o outro e viver num mundo também razoável. Daí se deduz que seu pensamento e sua vida não são duas coisas distintas. Isto equivale a dizer que: interpretação e justificação são atitudes do homem enquanto ser ativo e pensante. De tal modo que a origem do interesse histórico é a possibilidade de decisão reflexa que o homem assume sobre seu próprio ser e isto se revela na ação. Sem esta realidade reflexa não há decisão, mas apenas um sonho (Weil, 1970, pp. 207-230).

2. O interesse pela filosofia e sua função na história do ato de filosofar

Uma ideia particularmente notável em Weil e que constitui a característica principal do seu modo de proceder é a sua preocupação com a natureza e a signifi cação do ato de filosofar – quer na sua dimensão teórica, como na sua dimensão prática. É a busca de uma nova radicalização da consciência filosófica – ou seja, o resgate do pensamento crítico do homem, isto é, a ação da filosofia na sociedade. O que significa perguntar – se os filósofos têm ainda uma função a desempenhar na sociedade; qual é o específico da filosofia; há algum lugar ainda para o saber responsável, que esteja além das ciências; por que o homem atual recusa a filosofia e, afinal, quem é o filósofo? Todas estas perguntas implicam ou obrigam a filosofia a legitimar sua tarefa, na pessoa daquele que optou pela filosofia, isto é, o filósofo. Podemos dizer que a filosofia só terá sentido se for capaz de justificar seu ser, seu sentido, na vida do homem situado no mundo.³

Esta preocupação se acha concentrada na segunda parte da Introdução (Weil, 1985, pp. 3-85) que explica o caminho da reflexão da filosofia através dos mais diferentes pensadores com o objetivo de elaborar uma nova História da Filosofia, captando o essencial e o inessencial de cada discurso filosófico em busca da verdade, do sentido e da coerência em detrimento da violência. Em síntese, Weil nos propõe uma reflexão sobre a filosofia e, consequentemente, sobre o filósofo que quer desenvolver o pensamento na sua totalidade e visa se compreender na infinitude do discurso filosófico. Nossa questão seria então saber por que Weil inicia o seu discurso filosófico refletindo e questionando a própria filosofia já constituída na história. Qual seria então o novo acrescentado ao estatuto do filosofar?⁴

O filósofo é o indivíduo finito e razoável que visa compreender o infinito do discurso - fundado numa decisão livre. E esta vontade leva a criação de um discurso sistemático e crítico sobre a ciência, a história e o todo da realidade. A filosofia quer ser uma

interrogação sobre o sentido na sua afirmação como na sua negação. E por isso "ela é eminentemente científica" (Weil, 1982, p. 24), está para além do necessário e racional, uma vez que o racional é fundado na opção livre do homem e nem todo homem é filósofo. Todo ato humano tem lugar na filosofia, embora nem todos sejam racionais, porém devem ser compreensíveis, porque todos são interessantes.

Acontece que na história existe uma pluralidade de discursos e que nenhum é refutado pelos outros e nem contraditório em si mesmo. Não existe nenhum juiz que possa arbitrar entre eles. Isso mostra que a necessidade interior do discurso e dos discursos não é de modo algum universal. Ora eu sou livre para aceitar as regras do jogo, mas "se eu aceito – eu sou obrigado a me abster da incoerência." (Weil, 1982, p. 27). As regras são aceitas, mas a sua aplicação permanece aberta, indeterminada e muitas vezes arbitrária.

A filosofia é posta sobre o todo da realidade e não sobre o necessário e muito menos sobre o plausível – que pertence ao hipotético-dedutivo. O necessário se refere como necessidade de coerência ao discurso e não à realidade – ela não me porta sobre os acontecimentos e as coisas, de que fala o discurso. Não existe nada que eu possa elevar à realidade. Tudo é real. A filosofia se obriga não a uma coerência do que é necessário, mas à coerência do que é. Além do mais, o conceito de necessidade não é primeiramente afirmado nas coisas ou nos acontecimentos. Nós falamos daquilo que é necessário e que nós julgamos necessário. Mais uma vez ela é fundada no discurso. Existe no discurso do qual as coisas dependem necessariamente. "A necessidade não é jamais relativa e a necessidade absoluta não é jamais afirmada, nem demonstrada e nem demonstrável, desde que ela não se define no interior de um discurso – que pode tornar-se um outro" (Weil, 1982, p. 29).

Se a ciência é considerada segundo esse aspecto, a filosofia não é uma ciência e passa ser a vítima que deve ser julgada dentro deste parâmetro. Esta é outra interrogação que perpassa na história até aos nossos dias na cabeça dos que já optaram pela filosofia ou dos pretendentes à filosofia. Nada mais divertido, nos livros de Introdução à filosofia, do que a defesa desta tese: a filosofia é ou não é uma ciência? É o fundamento das ciências? É poesia? É religião? Precisa-se ter coragem para tratar desta relação. Weil é consciente desta realidade e afirma: "a filosofia não é propriamente uma das ciências; mas ela é científica como esforço para compreender a universalidade do sentido da realidade concreta" (Weil, 1970, p. 353). Portanto a filosofia está para além do padrão considerado pelo estatuto da ciência.

A ciência é um sistema de preposições desenvolvidas segundo certas regras – que possui o seu domínio e seu método próprio. Quais serão então o domínio e o método da f losofia? O domínio será a realidade concreta e o seu método será a lógica do diálogo. Uma lógica mais simples e mais comum que a lógica das ciências sob a influência das matemáticas – uma lógica que leva ao diálogo, falando a linguagem de tudo e de todos –, uma linguagem saída do discurso vivo, onde os homens se contradizem e se opõem e não a uma linguagem do monólogo, que se concretiza nas diversas especialidades, as quais se permite cada vez mais o distanciamento dos diversos discursos, isolando-os nos seus pequenos mundos (Weil, 1970, p. 355). Mas estas características ainda não confirmam o seu caráter científico, o que leva a filosofia a procurar ainda um método e um domínio próprio como as demais ciências.

17 Compreende-se muito bem e se justifica melhor ainda, porque existe uma variedade de ciências e não se compreende porque há várias filosofias e cada filósofo malgrado tudo que aprendeu dos seus predecessores, começa sempre de novo. Lá onde se emprega a

lógica do diálogo não se pode atingir resultados certos, uma vez que o que parece evidente para um, representa para o seu interlocutor um resultado de eterna contradição. A contradição pertence à filosofia: "Os sistemas filosóficos não são equivalentes e nem querem ser. Cada um é formalmente coerente a seu modo e, no entanto, se contradizem reciprocamente. Contradizem-se no sentido de que todos afirmam qualquer coisa de diferente" (Weil, 1970, p. 357). O domínio da filosofia, ou seja, a sua particularidade, é a universalidade. Ela se preocupa de tudo em certo sentido, porque se preocupa com cada sentido. "Assim o que distingue os sistemas é a maneira e o modo como cada um aborda e percebe este todo. Eles querem a mesma coisa, mas a partir de pontos de vista diferentes" (Weil, 1970, p. 360).

Aparece aqui a perspectiva do interesse, porque o sentido de cada sistema, ciência ou filosofia vai depender do interesse que o impulsiona a fazer ou a pensar. O sentido é o seu interesse. O homem pode se interessar somente em dominar a natureza, tem o bloco das ciências que desempenham bem esse interesse. Quem não se interessa neste domínio, procura outro interesse que caracteriza outro domínio. A filosofia trata do "interesse fundamental enquanto tal" (Weil, 1970, p. 361). Indica um sentido segundo o qual ela avalia toda e qualquer coisa: julga-a e coloca-a no seu devido lugar. Compromete-se com o todo e com o sentido. Não é mais possível distinguir domínios particulares a fim de descobrir métodos e critérios que garantam que as questões recebam uma resposta positiva e que as proposições não sejam contraditórias: "entre diferentes maneiras de ver e de compreender o todo, entre diferentes formas de sentido, nenhum juízo e nenhum cri tério pode decidir e se pode apenas encontrar o conflito ou a ignorância recíproca" (Weil, 1970, p. 361).

O desafio ao início da reflexão era provar por todos os meios a desclassificação da filosofia como ciência. Porém o caminho que percorremos nos confirma que ela é mais ciência que todas as ciências – uma vez que só ela coloca em questão – "interrogando-se sobre o sentido de todo interesse evidente e na incoerência destes múltiplos interesses" (Weil, 1970, p. 362). Convém que interroguemos à filosofia, sobre qual é o seu interesse próprio? Por que a filosofia não interessa a muitos homens? Esta é a questão propriamente filosófica para o filósofo. Porque não satisfeito de compreender os interesses de todos os outros homens, ele quer compreender sua própria empresa e compreender-se. Ele quer "compreender porque os homens recusam de querer compreender" (Weil, 1970, p. 363). O interesse é a condição de possibilidade do pensar e do agir. Eu faço qualquer coisa, porque esta coisa me interessa, embora este interesse seja muitas vezes inconsciente. Eu não sei por que quero e porque faço. O fazer precede a consciência.

Quando o homem tenta compreender a natureza e o sentido do seu interesse; quando submete ao juízo de sua vontade de razão e coerência, torna-se então o homem-filósofo. "Ele se encontra assim obrigado a submeter ao critério do universal, todas as atitudes, todos os discursos que encontra" (Weil, 1982, p. 34). Este encontra a felicidade no interesse intelectual, na reflexão intelectual. Esta é a sua felicidade, ligada à felicidade do filosofar. Este é o interesse do filósofo. Mas o interesse do filósofo se presta aos outros homens? As coisas não são interessantes, elas não aceitam e nem recusam, são indiferentes. O que existe é que há homens que são interessantes. Por isso a filosofia, no geral dos homens, não serve a nada e nem diz nada, a não ser para os homens que optaram pela filosofia, isto é, para os filósofos.

- De modo que é evidente e racional a recusa e o questionamento da filosofia em toda a história, assim como é evidente e racional a recusa e o questionamento de qualquer ciência ou coisa. A coisa só vale para aquele que tem interesse, seja intelectual ou prático. A utilidade não é o fim da filosofia e se esta passa a ser o seu objetivo, torna-se uma má filosofia. "Não existe uma philosophia perennis, ainda que os filósofos visem sempre o mesmo objetivo, a mesma coisa: a compreensão do mundo e da própria vida, a partir de um sentido e em vista da realização deste sentido " (Weil, 1982, p. 34). Os filósofos não se encontram fora da história e do tempo, eles caminham para o mesmo ponto de chegada, porém por estradas diferentes. O que existe de comum entre eles é a vontade de atingir este ponto de chegada. A compreensão é o ponto de chegada dos filósofos.
- A filosofia não é um saber acumulado no sentido de doxagrafia, porém isto não nega que a sua história tenha importância para aquele que quer filosofar. Pode ser que todas as respostas tenham sido dadas no passado, porém restará sempre por escolher àquela que nós faremos nossa, não porque ela nos apareça atraente, mas porque conforme às nossas convicções, com conhecimento de causa. Somos responsáveis pelo nosso juízo diante do tribunal da razão. É o interesse livre que dá vida aos esqueletos do passado.
- A filosofia é essencialmente histórica, não no sentido de uma história explicativa, nem no sentido de um historicismo e muito menos no sentido de introduzir um determinismo. Ela é o chão no qual o homem se compreende como livre e condicionado, determinado e superior a toda condição. Daí resulta que a filosofia é tomada de consciência da ação humana, uma tomada de consciência que é verdadeira, uma vez que no passado, como hoje e certamente no futuro, será sempre posta a questão da filosofia, sem que nenhum homem seja forçado a pô-la.
- Esta tese vai certamente contra o historicismo, porque não é a condição que determina a filosofia, não se trata de reduzi-la às suas condições, às circunstâncias do tempo, em que nasce qualquer filósofo. A filosofia é concretamente "reflexão sobre uma situação histórica, mas reflexão livre e a história se reflete nela" (Weil, 1982, p. 36). De fato seria absurdo, querer demonstrar que é necessário filosofar. Uma vez escolhido o discurso, eles são obrigados pela sua coerência a justificar a sua opção, mas não antes da escolha.
- A filosofia é ainda histórica enquanto ação na história e sobre a história. Ela não está no além e nem nos seres sobre-humanos. Ela age no aqui e agora, é ação que transforma e que a transforma, porque quando o homem intervém na história é modificado por esta mesma história. Há uma relação dialética, afastando todo caráter de necessidade ou determinismo.
- Em síntese, a filosofia foi o objeto da reflexão. Weil realmente tentou demonstrar o que é a filosofia e, consequentemente, a responsabilidade daquele que optou pela filosofia. O filósofo tem como tarefa primeira compreender a si mesmo, o outro diferente, a realidade e a outra realidade. Nada lhe é indiferente. Por outro lado, é uma nova maneira de filosofar, isto é, filosofando sobre a filosofia, isto é, abrindo o discurso com a própria filosofia. Só que a filosofia de objeto, passa agora a ser o sujeito da reflexão, isto é, como se deve agora filosofar. Isto significa dizer ainda: com qual linguagem, com qual caminho posso chegar ao objeto da minha reflexão, quais os elementos constitutivos de um discurso filosófico. Afinal, qual o "método" que me leva a filosofar? Ou melhor conhecer a realidade? Tudo isto me faz lembrar a história da filosofia para sentir como os demais filósofos começaram o seu filosofar. Dentre as diversas maneiras, embora com acentuações diferentes, a Lógica tornou-se o instrumento universal para tentar

compreender o pensar e o objeto. Iniciada pela lógica formal que foi o conhecer dos filósofos gregos, enquanto a forma do pensar, superada pela lógica transcendental de Kant e levada às últimas consequências com a lógica especulativa de Hegel. Por outro lado, ninguém pode negar o esforço de Weil em proporcionar uma nova leitura da realidade a partir da sua lógica da filosofia. Qual é, portanto, a tarefa de sua lógica na reflexão filosófica?

3. A identidade da filosofia e história

27 Ao definir a *Lógica da Filosofia* como "o logos do discurso eterno na sua historicidade" (Weil, 1985, p. 77), Weil supera todas as outras demais lógicas formuladas na história. A lógica passa a ser então a compreensão do homem, enquanto liberdade e condição. Isto significa que o Logos compreende os diferentes discursos coerentes que se querem coerentes e eternos, visando à essência do homem e do mundo. Todos os discursos que se fazem na história já estão presentes na eternidade. Em síntese, ela é "o logos que se reflete no fato e o fato que se reflete no logos" (Weil, 1985, p. 77), ambos humanos e sabendo-se humanos. O logos é completamente compreendido no fato compreendido como humano, onde ele se encarna e se temporaliza.

Isto tudo confirma que filosofia e história são idênticas, sendo feitas e pensadas pelo mesmo homem. "É o mesmo homem na unidade de suas oposições" (Weil, 1985, p. 77). Porém esta identidade só existe para o filósofo e não para o homem na sua existência concreta. Este julga o discurso que se quer coerente e o homem quer compreender o que é, e o que ele é, como um covarde ou um traidor que deve ser eliminado, "mas não um homem no sentido pleno da palavra" (Weil, 1985, p. 77). Este joga com as palavras e foge à realidade. Estas palavras devem ser compreendidas pelo filósofo e transformadas em discurso, para que o essencial desconhecido pelo homem preso à vida possa e deva ser revelado: "na ação histórica o homem não se compreende como filósofo, mas a filosofia se compreende como histórica, como nascida da violência, da necessidade, da condição, que ela é para ela mesma a liberação consciente do homem da condição" (Weil, 1985, p.78).

As categorias pensam as atitudes que se manifestam na história e por isso estas são anteriores às categorias. Porém para a filosofia são as categorias que descobrem as atitudes. O lógico só se preocupa com as atitudes enquanto estas revelam as categorias. Estas só dizem respeito ao pensamento e não à história. O homem histórico não é preocupado com a pureza lógica da sua atitude e do seu discurso. "Esta pureza só tem importância a partir do momento onde o homem quer compreender e se compreender totalmente" (Weil, 1985, p. 79).Tudo isto tem lugar na Lógica da filosofia, uma vez que esta é o discurso histórico na sua totalidade e não somente o seu discurso. Significa que deve compreender os demais discursos segundo os seus critérios e não segundo o seu próprio critério. O que é essencial para um determinado discurso certamente não o é para o outro. Daí se deduz a possibilidade de tantos discursos a respeito de tantos essenciais.

É evidente que estes discursos diferentes estão compreendidos na Lógica da filosofia, como outra maneira de falar, de agir e de ser. Porém outra pergunta se impõe. Basta somente reconhecer estes outros discursos? Quais são as consequências destes discursos que não querem perceber o sentido dos fatos, mas somente lhes interessam o fato em si? Cabe então à filosofia perguntar por que esta infinidade de discursos e qual a origem destes mesmos discursos.

A realidade é totalmente compreensível pelo conjunto das categorias, "mas ela não segue o esquema da ordem das categorias" (Weil, 1985, p. 80). Há a continuidade de atos livres, atos de ruptura e de negação pelos quais o homem passa de uma atitude a outra, sem que jamais a passagem seja exigida pela anterior. Com efeito, uma atitude pode ser ultrapassada, mas somente por uma escolha livre, por um ato que não se justifica no discurso da atitude anterior, daquele mundo que ele recusa e para o qual ele é incompreensível e que receberá um sentido somente a partir da sua própria categoria, na sua legitimidade relativa, aquela que ela ultrapassou. É de importância que a lógica organize a experiência, mas não a crie. Só pode retraçar uma sequência de atos que são compreensíveis apenas depois de terem sidos realizados.

Esta possibilidade de passagem de uma atitude a outra ou de uma categoria a outra é que mostrará que a "história é por sua vez circular e linear" (Weil, 1985, p. 80). É circular no sentido que as mesmas atitudes e as mesmas categorias são repetidas em todo discurso, isto é, como condição de compreensão das novas categorias. Esta certeza nos permite compreender o nosso passado. Se tudo fosse novo qual seria o ponto de ligação com o passado? É linear, na medida em que o homem agindo no tempo, passa a se compreender e assume como suas as ações do passado, porque só através das realizações é que as possibilidades do homem se mostram a ele. Esta revelação é, portanto, necessariamente posterior à atitude que realizou uma ação histórica pela qual mudou o mundo. A compreensão vem depois da ação. Só agindo o homem vai se eternizando no tempo e sempre em progresso, porque nenhuma categoria lhe é definitiva, o que supõe sempre uma atitude de mudança. É esta insatisfação em relação à sua antiga atitude que o motivará a tomar uma nova atitude e consequentemente a formular também uma nova categoria. É este progresso que revelará ao homem o que ele é:"o ser eterno, tornado compreensível e realmente compreendido no tempo pleno da ação" (Weil, 1985, p. 81).

Cada categoria é a compreensão discursiva de um fato histórico. O conceito de reprise explicita o movimento de circularidade e de linearidade da História. Em que sentido? No início de um novo fenômeno histórico, isto é, de uma nova época, este fenômeno não se apresenta logo na sua pureza categorial, mas esforça-se de exprimir-se ainda com a ajuda das velhas categorias, as quais são adaptadas à nova posição. O sujeito provocador desta nova situação procurará justificar sua decisão e também fazer que os outros o compreendam, mas sempre a partir das antigas categorias. Emprega todos os meios que o discurso de sua comunidade histórica coloca à sua disposição para defender o que ele olha como o seu interesse: "Ao início de uma nova época – no momento onde o novo interesse, querendo destruir o mundo envelhecido, organiza um mundo novo, é a antiga categoria que capta a nova atitude e fala da nova categoria, e falando dela, a esconde também e a falsifica" (Weil, 1985, p. 82).

A sua ação já supera o seu discurso, porém, a nova atitude ainda é percebida pela antiga categoria. É uma categoria que de fato já é ultrapassada na presente atitude. Ela fala da nova atitude, mas ao mesmo tempo a dissimula sob uma linguagem tradicional, a qual ela compreende e está ao seu alcance. De maneira que todo o trabalho de uma lógica aplicada da filosofia consiste na compreensão destas reprises das antigas categorias que formam a linguagem e os discursos dos homens. Permite ainda a compreensão dos discursos mantidos pelos homens do passado e do presente.

35 O conceito de reprise nos possibilita de ver ainda a continuidade e a descontinuidade da história percebendo o seu sentido e o seu conteúdo. O sentido está na coerência e o conteúdo na violência. É a reprise que torna a categoria aplicável à realidade e que permite assim realizar concretamente a unidade da filosofia e da história. Isto é, mostra como uma categoria pode assumir uma realidade e como a realidade pode ser elevada em nível de categoria, isto é, de pensamento. Pois só através do pensamento encarnado na realidade, que podemos iniciar o processo de compreensão, ou melhor ainda, o discurso unitário pressupõe uma realidade histórica a qual ele pode expressar.⁶

A passagem de uma categoria a outra aparece ao lógico da filosofia como uma exigência no sentido que a nova categoria compreenda e supere a categoria precedente, como as demais precedentes. Mas esta exigência é puramente formal, na realidade cada atitude é pura e produz uma categoria pura, isto é, um discurso coerente. O grande homem é aquele que superou uma atitude e o filósofo aquele que soube que a atitude foi ultrapassada. Esta afirmação nos faz lembrar certas atitudes provindas dos fatos importantes da história que mais tarde foram elevadas ao conceito. Além do mais sempre uma nova atitude se faz presente. A história é que impulsiona o pensador a mudar de categorias.⁷

A lógica da filosofia tem por tarefa ainda justificar o desenvolvimento dos seus conceitos, como vimos nas páginas anteriores. Porém existe um argumento que mesmo antes de ser justificado parece ir contra a tarefa da lógica da filosofi a: "Todo discurso coerente é o fim da História que a ele conduziu" (Weil, 1985, p. 83). Esta conclusão não parece ir de encontro a tudo que afirmamos antes? Porém admitamos esta hipótese que a lógica da filosofia seja possível somente no fim da história. Mas que história? Na história que é a sua. Dito de outra forma, ela só é possível a partir do momento onde a violência é vista na sua pureza, e, por conseguinte, a vontade de coerência como decisão violenta do homem contra a violência natural é compreendida como o centro do mundo, no qual esta decisão é tomada. Em suma, seria a passagem violenta da violência à coerência. Enquanto existir a violência é sinal que a história ainda não chegou ao seu fim, uma vez que neste sentido os homens podem sempre recorrer a ela, e a decisão à coerência pode ser esquecida, recusada, não mais compreendida como possibilidade concreta do homem. A filosofia, confirma Eric Weil: "é eterna porque procura sempre a mesma coisa: a compreensão - e é histórica - porque o que importa não é o que ela encontra, mas o caminho pelo qual ela o encontra, de que parte toma seu ponto de partida" (Weil, 1985, p. 84).

O caminho que o homem toma para chegar à coerência é sempre o caminho da liberdade condicionada. Neste sentido todo sistema é verdadeiro e ultrapassado. Verdadeiro, enquanto uma determinada coerência é atingida nele, não importa a que momento da história o indivíduo pode se contentar desta coerência que decorre da sua elaboração, isto é, assumindo o seu mundo sob uma determinada categoria. Ultrapassado, porque uma vez revelada a sua categoria, ela aparece como uma condição, aparece como outro do homem contra o qual ele pode sempre se revoltar.

O mesmo pode ser aplicado à Lógica da filosofia, só que há uma diferença, que esta compreende até mesmo essa possibilidade de ser negada e compreendida, e para ela estas duas possibilidades são legítimas. É sistemática, porém diferente dos demais discursos sistemáticos tradicionais: "ela seria bem o fim da história, da mesma maneira que todo sistema é o fim da história, que aqui é a história da filosofia ou (pois a filosofia não tem história, só o homem a tem), o fim da busca do contentamento pelo discurso" (Weil, 1985, p. 85). O homem que passou pela lógica não seria mais filósofo, sem, contudo menosprezar a filosofia, porque teria alcançado todo contentamento que ele poderia esperar do discurso. Ele não seria mais filósofo porque compreendeu:

a filosofia a partir da verdade e da violência e compreendeu que a verdade é o fim e o início da filosofia. Não se trata mais de compreender como chegar ao universal ou como entrar na verdade, na presença. Ele já se encontra na verdade, na medida em que ele quer ser razoável e ele o é (Weil, 1985, pp. 84-85).

Considerações fi nais

- 40 A filosofia não é tudo. Não esgota a história e nem supera as demais possibilidades da linguagem humana. Há outras maneiras de manifestar-se além do discurso. O homem deve ser livre de exprimir-se sem, contudo, revoltar-se contra a filosofia.
- Ora é evidente que a História não está acabada e que o nosso mundo não é ainda o da universalidade realizada. Nós vivemos no mundo ainda da violência contra a natureza e contra a sociedade. Nós lutamos tremendamente contra a natureza, seja por motivos justos através do trabalho reconhecido, ou seja por motivos nocivos que destroem a própria natureza em nome de um progresso totalmente desvinculado dos seus fins éticos. Lutamos contra uma sociedade que, infelizmente, deixou-se guiar pelos interesses econômicos, marcada por um mercado mundial que visa dia a dia a separação dos continentes e a destruição da maior parte da humanidade. A nossa filosofia e a nossa história é ainda de transição para outra época. Só o contentamento pelo discurso não satisfaria a realidade.
- No mundo da universalidade realizada a única luta possível é a do indivíduo contra o indivíduo onde cada discurso particular tem o seu lugar e cada individualidade é reconhecida pelo outro. Eu tenho o direito de manter-me na minha individualidade sem o perigo de ser tratado como louco ou irracional, é apenas uma disputa de sentimento contra sentimentos diversos, no sentido de um enriquecimento de outro ao outro. A violência aqui já seria superada e a razão efetivada. Se a filosofia não pode garantir de fato que esse mundo é possível:

pode, contudo afirmar que a Verdade é. Pode mostrar ainda *que as categorias se revela*m na sua totalidade, a partir da categoria da categoria, a partir do centro que organiza todo o discurso. É o sentido que se mostra a ela e nela, compreendendo o homem na filosofia e a filosofia no homem, porque compreende a coerência na violência e a violência no discurso. (Weil, 1985, p. 85).

Finalmente, pode-se dizer que filosofia e história constituem a estrutura da Lógica da filosofia. Como é possível elaborar na Lógica esta unidade? Através desta relação dialética de categorias e atitudes, seja do passado como do presente. A fi osofia é então a história compreendida, e esta só pode ser percebida através de um discurso sistemático na pretensão de ver a história tal como é, isto é, no seu progresso como na sua circularidade. Poder-se-ia perguntar então – quais as atitudes atuais que merecem serem elevadas a um discurso coerente? Quais os momentos históricos que hoje obrigam o homem a questionar-se e a compreender-se, motivando o filósofo a construir uma nova lógica?

BIBLIOGRAPHY

WEIL, Eric. Hegel et l'Etat, Paris, Vrin, 1980.

- ---- . Logique de la Philosophie, Paris, Vrin, 1985.
- ---- . Lógica da Filosofia, Tradução portuguesa de Lara Christina de Malinpensa, S. Paulo, Realizações, 2012.
- ---- . Philosophie Politique, Paris, Vrin, 1984.
- ---- . Filosofia Política, Tradução portuguesa de M. Perine, São Paulo, Loyola, 1990.
- ---- . Problèmes Kantiens, Paris, 1992.
- ---- . Philosophie morale, Paris, Vrin, 1987.
- ---- . Essais et Conférences I, Philosophie, Paris, Plon, 1970.
- ---- . Essais et Conférences II, Politique, Paris, Plon, 1971.
- ---- . Philosophie et Realité. Derniers Essays et Conferences, Paris, Beauchesne, 1982.

Actualité d'Éric Weil. Actes du Colloque International. Chantilly, 21-22 mai 1982, éd. par le Centre Eric Weil, UER de Philosophie de Lille III, Paris, 1984.

CAILLOIS, R., "Attitudes et catégories selon Eric Weil", in *Revue de Métaphysique et de Morale*, 58, 1953, p. 286.

COSTESKI, E., Atitude, violência e estado mundial democrático, Fortaleza, UFC - Unisinos, 2009.

KIRSCHER, G., La philosophie d'Eric Weil, Paris, PUF, 1° edition, 1989, pp. 19-147, e Síntese 41, 1987, pp. 41-54.

PERINE M., Filosofia e Violência. Sentido e intenção da filosofia de Éric Weil, São Paulo, Ed. Loyola, 1987.

ROBINET, C., O tempo do pensamento, São Paulo, Paulus, 2004.

SOARES, C. M., O filósofo e o político segundo Eric Weil, São Paulo, Loyola, 1998.

NOTES

- 1. Esse ensaio de 1935, hoje em tradução francesa e italiana, marca todo o início do percurso bibliográfico e filosófico de Weil na elaboração do seu sistema. Veja ainda o comentário ilustrativo de (Perine, 1987, pp. 27-50).
- 2. Aqui se dá exatamente a atualidade de Weil na encruzilhada da filosofia contemporânea colocando a linguagem como um campo privilegiado da análise como bem acentua (Robinet, 2004, p.295).
- **3.** A respeito de esta preocupação ver (Weil, 1982, pp. 7-22). Para explicitar melhor esta postura do filósofo ver também (Soares, 1998, pp. 17-47).
- 4. Para fundamentar esta nossa reflexão, tomamos como ponto de referência o artigo intitulado: "Philosophie et Realité", que nos dá a chave de compreensão para esta problemática, dando-nos assim o objetivo da filosofia, sua identidade e diferença com a ciência e a história e sua relação com o todo da realidade.

- **5.** A respeito da abertura do discurso filosófico veja G. Kirscher, *La philosophie d'Eric Weil*, Paris, PUF, 1.º édition, 1989, pp. 19-147, e *Síntese* 41(1987): pp. 41-54.
- **6.** Para ilustrar o conceito de retomada no desenvolvimento do discurso veja (Costeski, 2009, pp. 89 -105).
- 7. R. Callois nos alerta para uma diferença entre "reprise" e ideologia. Enquanto "reprise" é a atitude nova captada pela antiga categoria; a ideologia é a posse de uma categoria mais avançada por uma atitude. Esta justifica um fato por um ideal que oculta a realidade em proveito de uma visão errada, ela não é guiada pela sabedoria, mas pelo desejo de ideias-forças. Por ex. o fascismo. R. Caillois, "Attitudes et catégories selon Eric Weil", in *Revue du Métaphisique et de Morale*, 58, 1953, 286.

ABSTRACTS

A especificidade deste artigo é mostrar como a identidade da filosofia e da história constitui a estrutura da *Lógica da Filosofia*. Todavia, como é possível realizar na Lógica essa unidade entre filosofia e história? Tal estrutura pode ser fundamentada na idéia de retomada como fenômeno histórico no processo do seu desenvolvimento. A filosofia é então a história compreendida e esta só pode ser percebida por meio de um discurso sistemático na pretensão de ver a história tal como é. Ao definir a Lógica da filosofia como o logos do discurso em sua historicidade, a Lógica passa a ser então a compreensão do homem, isto é, o logos que se reflete no tempo e o tempo que se reflete no logos, ambos humanos e sabendo-se humanos. Porém essa identidade só existe para o filósofo e não para o homem em sua existência concreta. Daí se conclui que a filosofia é essencialmente histórica, não no sentido de uma história explicativa, nem no sentido de um historicismo e muito menos no sentido de introduzir um determinismo.

Avec cet article nous nous proposons de montrer comment l'identité de la philosophie et de l'histoire constitue la structure de la Logique de la philosophie. Comment est-il possible, alors, qu'une telle unité s'accomplisse dans la Logique ? Cette structure peut trouver son fondement dans l'idée de reprise comme phénomène historique dans le procès de son développement. La philosophie est alors l'histoire comprise et celle-ci ne peut l'être que par le moyen d'un discours systématique qui aspire à voir l'histoire telle qu'elle est. En définissant la Logique de la philosophie comme le logos du discours dans son historicité, la Logique devient alors la compréhension de l'homme, c'est-à-dire le logos qui se réfléchit dans le temps et le temps qui se réfléchit dans le logos, les deux humains et se sachant humains. Pourtant, cette identité n'existe que pour le philosophe, non pour l'homme dans son existence concrète, ce qui nous mène à conclure que la philosophie est essentiellement historique, dans un sens qui ne se confond pas avec celui d'une histoire explicative, d'un historicisme ou d'un déterminisme.

INDEX

Palavras-chave: filosofia, história, dialética Mots-clés: philosophie, histoire, dialectique

AUTHOR

MARLY CARVALHO SOARES

Universidade Estadual do Ceará.

Doutoramento e pós-doutoramento sobre Eric Weil. Professora titular da Universidade Estadual do Ceará. Mestrado Acadêmico em Filosofia. Líder dos grupos de pesquisa e laboratórios: Ética e direitos humanos e um Olhar interdisciplinar sobre a subjetividade humana.

m.caravalho.soares@uol.com.br

Doctorat et post-doctorat sur Eric Weil. Professeur titulaire de l'Universidade Estadual do Ceará. Master académique en Philosophie. Dirige les groupes de recherche et laboratoires: Ethique et droits de l'homme; un Regard interdisciplinaire sur la subjectivité humaine.

m.caravalho.soares@uol.com.br